

COMPUTADORES, HÍFENS E TRAVESSÕES

Consegui adaptar-me muito bem ao uso do computador. Para escrever, prefiro o teclado e a tela do monitor aos petrechos convencionais. E quem conhece já deve ter constatado que essa formidável máquina deve ter sido concebida por inteligências privilegiadas como a do Dr. Rui Barbosa. Contava minha professora do grupo escolar que o famoso causídico foi um dos homens mais inteligentes de sua época. Ao representar o Brasil, na Conferência de Haia, aparteava seus interlocutores em suas próprias línguas, o que veio a impressionar sobremaneira todos os participantes. Havia também a lenda de que sua inteligência estava associada ao grande volume de sua cabeça, mas, com o passar do tempo, essa afirmativa não se sustentou, pois algumas cabeçorras encarregaram-se de desmornar a inconsistência da hipótese.

Dom Silvério — contava meu professor de francês, o Pe. Baeta Neves — foi a um sínodo, em Roma, onde cada um se expressava como podia, usando o latim para uniformizar a comunicação quando se falavam línguas muito diferentes daquelas que comumente eram conhecidas pelos bispos. Mas, continuava o Pe. Baeta, parece que fizeram pouco caso de Dom Silvério, julgando-o pela sua turva e modesta aparência. Achavam que ele não estava entendendo patavina dos assuntos lá tratados. Quando chegou sua vez de pronunciar-se ele tirou a primeira casquinha na turma, perguntando ao Santo Padre qual era a língua através da qual ele deveria falar. O Papa, então, não deixou por menos: — “*Fale em aramaico*”. E Dom Silvério não titubeou, deitou sua falação. Completava o Pe. Baeta, com seu jeito repetitivo e engraçado de contar as coisas: — *Dom Silvério falava 263 línguas e dialetos, incluindo o*

Linha de baixo: *me do morro para cobrir o telhado da casa.*

Imagino que isso acontece, pois que os digitadores simplesmente acionam o dispositivo de hifenizar e não revisam o texto de acordo com as regras e recomendações da gramática. Acreditam que se o computador faz, então está feito. Outro dia vi, num livro, uma linha começando com vírgula, certamente, efeito da hifenização que empurra as palavras daqui para ali, e a vírgula foi parar onde não deveria. Tenho certeza de que isso é uma questão de *software* que deveria ser cuidada por seus idealizadores com uma visão mais educativa.

A segunda não é questão de programação, é preguiça mesmo. Trata-se do travessão. Os digitadores acham muito mais simples apertar a tecla que tem o hífen do que apertar um conjunto de teclas que geram o travessão (no *Word* é Alt+0151). Esse sinal de pontuação, que serve para separar frases, substituir parênteses, etc., é um traço maior do que um hífen e existe nos bons editores de texto.

Essas pequeninas coisas desprezadas e somadas vão desfigurando a língua escrita, transformando-a num instrumento menos capaz e menos eficiente de registrar a riqueza ilimitada dos fatos que constituem a complexa convivência humana. Perde-se por isso (e por outras coisas mais importantes) a oportunidade da fruição da palavra escrita. Transformamo-nos em meros recadeiros do tempo da aurora da humanidade em busca do peixe do almoço. E não pense, caro leitor, que estou tratando de assuntos inúteis, ideologicamente descompromissados. Agora, está na moda só falar de carências e misérias do povão, mas tudo é muito relativo e, dependendo da pessoa, um hífen e um travessão nos seus devidos lugares valem mais do que um prato de feijão ou do que um “çaco de simento”.
